

A Ordem VS em Português

ABSTRACT: This paper investigates the status of VS order in Portuguese. The rules of subject posposing found in traditional grammars are listed, then some data of written and oral language are examined, in order to see if those rules are alive in contemporary language. The frequency of VS order in both varieties is compared and it is concluded that VS order is a marked order, not very frequent in written language and less in oral language. Finally, some functional explanation of the phenomenon is given.

Se considerarmos preferentemente as sentenças principais declarativas com verbo transitivo, diremos que em Português a ordem normal, não-marcada, dos elementos da oração é SVO (sujeito-verbo-objeto). Assim, a seguinte é uma sentença típica do Português:

«O leão devorou o menino».

Sabemos que esta ordem tem valor sintático porque, se mudarmos a seqüência dos elementos, o significado muda. A seguinte S não significa o mesmo que a anterior, pelo contrário:

«O menino devorou o leão».

Esta é a regra que vigora para as sentenças com verbo transitivo e sua função, nitidamente, é assegurar o significado. Se colocarmos o sujeito de uma oração transitiva depois do verbo, surge o perigo da ambigüidade, como se vê na sentença que segue:

«Devorou o menino o leão».

Neste caso, não se pode dizer se foi o menino que devorou o leão ou se foi o contrário que aconteceu.

A posposição do sujeito em orações transitivas é possível desde que o contexto assegure a interpretação correta, ou em casos (humor, por exemplo) em que se busque propositalmente a ambigüidade. Na literatura, por exemplo, encontram-se inversões do tipo acima. Meu propósito aqui, porém, não é estudar estes casos de inversão que parecem mais comuns na língua literária. Quero apenas ressaltar que o uso da língua é sempre um uso inteligente e não mecânico, de modo que, quando não há perigo de confusão é possível a inversão, mesmo no caso de orações transitivas. O que reafirma a finalidade da ordem que se observa na 1a. S: ela existe para assegurar a comunicação.

Drummond pôde inverter a ordem no exemplo a seguir, colocando o verbo no princípio, em seguida o sujeito e depois o objeto (VSO) porque a distinção animado/inanimado entre os dois SNs faz com que só o primeiro SN seja possível como sujeito:

«Debatem os lazaristas
o grave dilema» (C.D.A. 22)

Já a anteposição do objeto indireto é possível nesta outra S porque a preposição o distingue do sujeito (ambos são animados):

«fala ao padre lazarista
o emissário paulista» (C.D.A. 19)

No exemplo seguinte, a ordem SOV é possível por causa do pronome, porque o verbo **esperar** supõe sujeito animado:

«As crianças tudo esperam» (M. Y. 38).

Estas afirmações parecem óbvias, mas durante algumas décadas essa «inteligência» do falante no uso da língua não foi levada em conta, com a hegemonia dos lingüistas mecanicistas, que acreditavam que a gramática era um mecanismo de regras automáticas. Atualmente já é possível escapar deste dogmatismo e admitir que as regras sintáticas têm uma finalidade, que é assegurar a comunicação e que não se aplicam cegamente. A diferença está em que o falante não é um autômato, ele usa as regras na medida em que elas são necessárias. Quando é possível violá-las sem prejuízo da clareza para conseguir algum efeito extra (como na literatura tanto se vê) elas são violadas.

Os lingüistas gerativistas, por exemplo, ao analisar a ordem das palavras, como faziam com outros fatos da língua, queriam estabelecer regras que especificassem de maneira mecânica quando a inversão era possível. A discussão sobre ordem de palavras na gramática gerativa se centrou no problema de qual ordem era a básica, a que devia figurar na estrutura profunda. Assim, Mc Cawley (1970) quis provar que o inglês era uma língua basicamente VSO, e Perlmutter, segundo Berman (1974) quis fazer o mesmo em relação ao português. A discussão dos gramáticos gerativos, porém, a meu ver, estava equivocada, inclusive porque desconhecia a diferença fundamental de comportamento entre as orações transitivas e as intransitivas. Arlene Berman, por exemplo (1974), que refuta Mc Cawley e Perlmutter, usa argumentos quase todos de orações transitivas para mostrar que estas línguas são SVO. Já Perlmutter (1976) em seu trabalho sobre o português usa quase exclusivamente orações intransitivas. O fato é que, se olharmos somente orações transitivas, encontraremos uma predominância massiva de SVO. Já se olharmos orações intransitivas,

esta estatística é diferente: a ocorrência de VS é mais significativa. Mattoso Câmara Jr observou que a inversão do sujeito se dá «quando não há um objeto direto para opor, pela colocação, ao sujeito ou quando mesmo com objeto direto, o mecanismo da concordância pode entrar em ação. Daí, a freqüente posposição do sujeito — a) com verbos intransitivos, b) com verbos transitivos desde que o sujeito e o objeto direto são de número nominal diferente. Ex.: Chegaram os viajantes; Viram os meninos um lobo». Ainda observa a ocorrência de VS «desde que a compreensão geral do contexto o indica implicitamente: Comeu o lobo o menino» (1976: 253).

Vanda Bittencourt (1979) que estudou a posposição do sujeito na perspectiva da Gramática Transformacional, declara que esta regra «se aplica a estruturas com verbos intransitivos» (p. 80) «deixando de atuar em estruturas com verbos transitivos» (p. 84) ressaltando o caso das orações passivas.

Na verdade, a maioria esmagadora dos casos de ordem VS se encontra com verbos intransitivos, como veremos a seguir. Mas é possível com transitivos, desde que a compreensão o permita. Há até casos em que se encontra o verbo seguido de dois SNs e apenas a ordem distingue o que é sujeito do objeto. Neste caso, que é raro, o que vem 1º é o sujeito (ordem VSO). Encontrei casualmente estes exemplos em Silveira Bueno (1958):

«Nas orações gerundiais **fixará** a língua clássica a ordem: verbo sujeito, (...)» (p. 225).

«Nas orações intercaladas **fixou** também a língua a ordem: predicado sujeito (id.).

Nestes exemplos, parece que a ordem está nos indicando o que é sujeito e o que é objeto, pois o 1º SN é que é o sujeito. Mas é possível que seja o sentido da S que nos dá a indicação, de modo que não vou arriscar nenhuma hipótese com dados tão rarefeitos.

No presente trabalho, pretendo verificar a extensão do fenômeno da ordem VS em Português, sua ocorrência em língua escrita e oral, sua freqüência, e procurar uma explanação com base na Análise do Discurso.

O PROBLEMA DA COLOCAÇÃO DO SUJEITO NAS GRAMÁTICAS

Nossos gramáticos não deram a devida atenção ainda ao fenômeno da ordem das palavras em Português. Contreras (1976), que estuda esse fenômeno em espanhol, assinala que esse descaso é geral: nem os gramáticos indus, nem gregos, nem romanos, nem mesmo os de Port Royal estudaram com grande interesse o problema da ordem. Dos gramáticos lógicos herdaram os nossos a concepção de que a ordem SVO refletia uma ordem «natural» do pensamento. Ver por exemplo Celso Cunha: «Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a **ordem direta**, isto é, os termos da oração se dispõem preferentemente na seqüência: sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto ou sujeito + verbo + predicativo» (1976: 168).

Greenberg (1978) veio mostrar que as línguas do mundo tanto usam a ordem SVO, como VSO, SOV e outras, o que indica que não existe uma ordem «natural» para as palavras na frase.

Conforme assinala Contreras, «a única escola estruturalista que devotou alguma atenção à ordem das palavras é a escola de Praga, particularmente Mathesius (1928) e mais recentemente Firbas (1964, 1966) e Danes (1967), entre outros» (1976: 15).

AS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS

Apesar de tudo, encontramos em Epiphânio Dias (1969) uma descrição sistematizada dos casos em que o verbo ocorre antes do sujeito em Português. Observa ele que se pospõe o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

a) «Nas or. principais que designam o discurso de outrem, quando se intercalam no discurso ou vão no fim d'elle vae o sujeito depois do verbo: «Não me enfada nada — **redarguiu este**».

b) «Quando uma or. interrogativa direta começa pela expressão interrogativa e esta não encerra o sujeito, pospõe-se o sujeito ao verbo».

c) «Quando o sujeito é um nome não precedido de artigo definido, pospõe-se não havendo emphase:

1) Aos verbos **existir, apparecer, occorrer** e aos de significação semelhante;

2) Aos verbos de sentido passivo» (p. 310).

d) «Quando os pron. **isto, isso, aquilo, o mesmo, este, esse, aquele, o mesmo** (com os seus substantivos) sendo complementos do predicado, se transportam emphaticamente para o princípio da or. (principal), o sujeito pospõe-se ao verbo:

«Isto fazem os principes alheos de soberba» (p. 311).

e) «Quando o n. predicativo se colloca emphaticamente antes do verbo, o sujeito vae usualmente depois do verbo: Impio é elle!».

f) «O sujeito de uma or. infinitiva não precedida de prepos. (exceto a prepos. **a**, em sentido temporal) pospõe-se normalmente ao infinitivo de verbos intransitivos ou passivos (nos tempos compostos pode ir depois do auxiliar).»

g) Nos participios absolutos, o sujeito colloca-se depois do participio (em tempo composto, depois do auxiliar, ou depois de todo o participio) (...): «Acabada a solennidade daquelle acto...» (p. 312).

Segundo Epiphanio, esta regra é do Português moderno: «anteriormente o sujeito antepunha-se ou pospunha-se indiferentemente».

h) «Quando aos verbos **deixar, fazer, mandar, ouvir, sentir, ver** se liga um infinitivo referido ao compl. directo d'estes verbos, o compl. directo não sendo pron. pessoal, ou relativo, ou interrogativo pode ir depois do infinitivo». (p. 312).

Sousa da Silveira (1960) apresenta regras iguais às de Epiphanio mas quanto ao caso f) lembra que se o infinitivo tiver «objeto, predicativo ou complemento circumstantial, a ordem direta é preferível e algumas vezes até se impõe:

«vira Alvaro falar a Cecília»;

«ouvindo as aves piarem nas ramas» (p. 251).

Ou seja, a ordem VS é encontrável com verbos intransitivos de preferência. Com verbos transitivos ela será restrita, a fim de assegurar a perfeita comunicação.

Acrescenta ainda um outro caso, o das orações **optativas**:

«Pudera eu dilatar-lhe a vida!» (id.).

Sousa da Silveira é mais preciso quanto às or. interrogativas: «Idem nas orações interrogativas em que a interrogação é feita pelos pronomes, adjetivos ou advérbios **que, qual, quem, quanto, como, quando, porque, onde** etc.: Que caraminhola é essa? Quanto tinha ele?» (251).

Também é mais esclarecedor quanto aos «verbos reflexos de sentido passivo»: «Encomendaram-se às mães da Ajuda as compotas e marmeladas: lavaram-se, arearam-se, puliram-se as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do luxo clássico». (M. de Assis, Brás Cubas, 39).

Silveira Bueno (1968) acrescenta ainda aos casos de Epiphânio e Souza da Silveira:

a) no estilo narrativo: «... Foi um homem ao mato...»

b) nas orações exclamativas: «Como é tão belo o sol!».

c) nas orações imperativas: «Não suba o sapateiro além da chinela»

d) nas orações com verbo impessoal, cujo sujeito é a frase imediata: «Convém que se diga a verdade».

Cunha (1976), como vimos atrás, considera SVO como a «ordem direta» e a que predomina em nossa língua. Mas acrescenta: «Esta preferência pela **ordem direta** é mais sensível nas **orações enunciativas ou declarativas** (afirmativas ou negativas)». E exemplifica com quatro orações, todas transitivas. Ressalta, em seguida, que nossa língua permite as inversões com mais facilidade do que outras línguas, sendo que algumas inversões até «se tornaram para nós uma exigência gramatical». Para ele, as inversões de natureza estilística têm por fim realçar o sujeito. Considera ele que enquanto a maneira de realçar o sujeito é pospô-lo ao verbo, realça-se o predicativo antepondo-o ao verbo. E oferece os seguintes exemplos, sendo o 1º de realce do sujeito e o 2º de realce do predicativo (p. 168-69), segundo ele:

«Sublime **és tu, bradei eu**, lançando-lhe os braços ao pescoço»
(M. de Assis, OC, I, 547).

«**Curta** foi a visita de Rubião» (M. de Assis, OC, I, 611).

Não é possível deixar de notar que, embora seja bastante atraente a teoria de que as inversões tenham por finalidade realçar o elemento deslocado, ela se torna bastante implausível no momento em que se verifica que na mesma frase, ao mesmo tempo que o sujeito foi posposto, o predicativo foi anteposto, como acontece nos dois exemplos acima. Parece-me que, se a finalidade é realçar um elemento, não se pode realçar o outro também ao mesmo tempo. E como decidir, nesses casos, qual foi o elemento realçado? Cunha arbitrariamente considera o 1º exemplo como de realce de sujeito e o 2º como realce do predicativo. Mas poderíamos trocá-los, pois os exemplos são idênticos. Não vejo como sustentar, portanto, esta idéia, aliás muito vaga, de realce.

Há ainda um outro problema com o 1º exemplo de Cunha: é que ele sublinhou a frase intercalada **bradei eu**, levando-nos a pensar que esta é uma inversão estilística. No entanto, mais adiante ele cita as orações intercaladas entre os casos de inversão gramatical. Parece-me um pequeno lapso. No mais, Cunha apresenta um resumo das regras que Epiphânio e outros já haviam estabelecido. Apenas uma é novidade, em relação à que já examinamos: «nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção: **Aprendêssemos nós** essa mensagem...» (p. 171).

É digna de nota, também, a observação que ele faz de que «nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por um adjunto adverbial» se dá geralmente a VS.

Epiphânio já notara a VS quando se antepõe objeto e predicativo (ver regra c e d). A novidade aqui é em relação ao adjunto adverbial que não havia sido ressaltado pelos outros gramáticos.

Os exemplos de Cunha mostram a VS ocorrendo junto com a anteposição desses outros elementos da S (p. 172):

«Este é o mistério do meu coração» (M. de Assis, OC, II, 257).

«Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o velho mestre**» (R. Barbosa, R, 86).

«As advertências do velho Campos **sucederam as desconfianças de D. Glória**» (J. L. do Rego, E, 250).

«Na casa de Aristarco reinava o maior silêncio» (R. Pompéia, A, 266).

Pergunta-se também, a respeito destes exemplos, como no caso do predicativo: a que elemento se quis realçar, o anteposto ou o posposto? E por que esses exemplos são considerados de natureza gramatical mas os primeiros de natureza estilística?

O americano Earl Thomas fez observações interessantes sobre o português falado no Brasil. Ele abre seu livro com um capítulo intitulado: **Ordem das sentenças declarativas**. Este é seu primeiro parágrafo (tradução minha): «**Ordem standard**»: A ordem usual de uma sentença declarativa é sujeito, verbo e objeto direto ou complemento nominal, com o objeto indireto variando de posição em relação ao objeto direto. Há, contudo, uma liberdade considerável na variação dessa ordem, embora menos em Português do que em Espanhol e menos em **brasileiro falado** do que na língua literária. As mesmas práticas são seguidas nas orações subordinadas e nas principais, com as exceções notadas no § 3b abaixo» (p. 3). Em seguida ele trata das mudanças de posição do sujeito. Afirma que a VS é usada para enfatizar o sujeito, repete alguns casos que outros gramáticos já haviam assinalado, mas observa também a VS (p. 3-6):

- a) em sentenças muito curtas, com mais ênfase no sujeito:
«Aqui estou eu». «Lá vêm eles».
- b) com o verbo **ser**: «Quem esteve aqui? **Fomos nós**».
- c) para evitar abrir uma S com um nome sujeito não modificado:
«De vez em quando apareciam casas ao longo da estrada».
Mas nota que também se encontra: «Mulheres passavam na estrada».
- d) com **ao** e infinito pessoal: «Ao chegarmos João e eu...».
- e) com infinitivo perfeito: «Foi ótimo ter seu filho ganho uma bolsa».
- f) com certos verbos: «Alguns verbos são quase sempre seguidos por seus sujeitos. Em alguns casos o verbo recebe mais ênfase do que o sujeito; em outros a situação é revertida.

A maioria dos verbos expressa uma afirmação ou negação de existência: existir, faltar, sobrar, ficar (restar), aparecer, surgir, sumir» (p. 5).

Em relação às orações exclamativas, ele acha que o sujeito tende a seguir o verbo se aquele é mais longo: «Que caras estão as casas!». «Como é bonita aquela moça!».

Em relação às interrogativas, esclarece que a ordem varia conforme o tipo de pergunta: sem uma palavra interrogativa, a ordem é igual à declarativa. A ordem muda quando a palavra interrogativa não é sujeito (como diz Epiphanyo). Mas ele vai mais além: se o sujeito é um pronome, ele pode preceder ou não o verbo «desde que não haja possibilidade de confusão»: Que acha você? «O que você acha?». Se tanto o sujeito quanto o objeto são pessoas, o sujeito **deve** preceder o verbo: «Quem você viu?».

X Veja-se a relação destas regras de Thomas com o que afirmei no princípio: desde que não haja possibilidade de confusão, a ordem é mais livre.

No 1º exemplo de Thomas (Que acha você?), um pronome é + animado, o outro -animado, logo não há possibilidade de confusão. Já se ambos forem pessoas, tem que haver ordem, porque não será possível distinguir sujeito de objeto. Isto porque de modo geral, os sujeitos, principalmente de verbos transitivos, são agentes e portanto animados, enquanto os objetos são pacientes e, portanto, quase sempre inanimados. Assim, com um verbo ativo, como **fazer**, se há um SN animado e outro inanimado, nosso conhecimento do mundo nos leva a identificar o animado como sujeito e o inanimado como paciente. Já no 2º exemplo, o verbo é **ver** e o objeto pode ser +animado, então «Quem viu você?» é diferente de «Quem você viu?».

Vê-se aí a intervenção, no uso da língua, do conhecimento semântico e pragmático.

Outra observação interessante de Thomas a respeito das interrogativas: «É mais provável o sujeito seguir o verbo se ele é um nome, especialmente se é modificado: Quantos comprou o farmacêutico?» (p. 309).

Com um advérbio interrogativo ele acha que há «de algum modo maior probabilidade de colocar o sujeito depois do verbo: «Para onde vai você?» (id.).

Por outro lado, para ênfase do sujeito, ele pode ser colocado antes da palavra interrogativa: «Você o que acha?».

Quando se põe «é que», segundo Thomas a ordem da oração interrogativa é a mesma da declarativa: «De quem é que você está falando?» (p. 310).

Thomas diz que não observou tendência de colocar o sujeito em orações interrogativas depois dos complementos do predicado, mesmo quando existe a VS, e que perguntas como «É bonita a moça?» indicam um «afterthought» (pensamento ulterior).

Em tempos compostos, diz que «o sujeito quase sempre precede o verbo» e que no «brasileiro falado» não se coloca o sujeito nem depois do auxiliar nem depois do sintagma verbal: «Você já tinha feito a barba?».

OBRIGATORIEDADE DA ORDEM VS

Os gramáticos nem sempre são explícitos a respeito da obrigatoriedade ou não da ordem VS.

Para Epiphânio Dias a ordem SVO é a «mais simples (quero dizer, sem ênfase)». E dá como exemplo de ordem enfática: «A vaidade e o orgulho que são, senão duas espécies de um gênero único de fraquezas?» (p. 310).

Note-se que este exemplo é semelhante ao de Thomas («Você o que faz?»). Trata-se de topicalização.

Nas três primeiras regras (a-c) sua formulação parece mais taxativa, já que na 4a. regra ele usa o advérbio «usualmente», o que indica que esta é optativa. Na 5a. ele usa «normalmente».

No entanto, sabemos que verbos como **existir** podem vir com sujeito anteposto. Talvez ele queira dizer que no caso de sujeito anteposto a verbos como **existir** haveria ênfase, pois ele afirma que com estes verbos pospõe-se «não havendo emphase». É uma hipótese interessante, pois então ele estaria considerando normal a ordem posposta neste caso.

Das primeiras palavras de Epiphânio poder-se-ia deduzir que as inversões são enfáticas. Mas logo adiante ele diz que o sujeito pospõe-se a verbos como **existir** sem ênfase. Logo, há inversões que não são enfáticas. Não fica muito claro, portanto, o que ele acha da função da ordem VS.

Cunha (1976), ao analisar «inversões de natureza gramatical» diz que vai examinar «as condições que aconselham a alteração da ordem normal do verbo relativamente ao sujeito e ao predicativo» (p. 169).

Suas regras não diferem essencialmente das acima levantadas. Sua conclusão é importante: «Em princípio os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito» e «embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão verbo-sujeito, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção sujeito + verbo».

O que se pode deduzir, então, a respeito da ordem VS nesses casos? Se é uma **exigência** gramatical não devia ser «perfeitamente correta» a outra ordem. Parece que o sentido desta **exigência gramatical**, portanto, não deve ser entendido como sendo obrigatoriedade. Para mim, essa «doutrina» gramatical não ficou clara. Gladstone Chaves de Melo (1976) faz essa mesma crítica a Cunha e afirma que «é hoje obrigatória a posposição do sujeito ao verbo nas orações explicativas, intercaladas ou finais do tipo: «Não digo mais nada, **acudiu o cocheiro**». Obrigatória também, segundo ele, a posposição nas interrogações iniciadas por palavra interrogativa (res-salvadas as interrogativas com **é que**). E nas imperativas e optativas «também costuma haver inversão, principalmente na língua literária» (p. 205). Nos casos de voz passiva, analítica ou pronominal, «também se costuma preferir a posposição do sujeito» (p. 206).

DADOS DE LÍNGUA ESCRITA CONTEMPORÂNEA

Fiz um levantamento da ocorrência de sujeito posposto em **Galo das Trevas**, de Pedro Nava (1981), **Discurso de Primavera e Algumas Sombras**, de Carlos Drummond de Andrade (1978) e na revista **Isto É** (10-3-82), a fim de verificar se no uso da língua escrita se confirmavam as regras encontradas nos gramáticos citados. O resultado foi o que se segue.

Quanto à regra a) de Epiphânio Dias, que diz que em orações «principaes que designam o discurso de outrem» (às vezes chamadas orações intercaladas, embora venham no fim de período): confirmada. Todos os exemplos encontrados de orações deste tipo apresentavam o sujeito posposto. Vejam-se alguns dos exemplos:

«Não desejo cumprir o final do meu mandato com um conjunto de derrotados», **desafiou** Figueiredo» (I.E, 14).

«E me dói a cabeça, **diz** alguém». (C.D.A. 8).

«A Constituinte, **sonha** o deputado Ulisses Guimarães. Ou a eleição direta do Presidente da República, **imagina** ao lado o Senador Tancredo Neves» (I.E. 14).

Quanto à regra b) também encontrei confirmação, pois todas as orações interrogativas encontradas apresentavam a ordem VS. Eis algumas:

«**Quem seria** a segunda esposa de Pedro I?» (I.É 20).

«**Onde estão?** meus convivas e as flores d'antanho, onde estão?» (PN 37).

«**Que vale** ter Ataíde?» (C.D.A. 13).

Mesmo exemplos de interrogativa (colhidos em poesia) sem pronome interrogativo apresentavam VS, como este:

«**Terão endoidecido** esses meus santos e a dolorida mãe de Deus?» (C.D.A. 13).

Parece-me que este tipo de interrogativa em que o futuro composto exprime dúvida, tem mais probabilidade de desencadear a VS. Esse evidentemente não é um caso de «interrogativa **sim** ou não», ou seja, não é uma pergunta comum. Equivale às interrogativas iniciadas por «será que», muito comuns na língua coloquial.

Outras interrogativas (também em poesia):

«**Veleja** o poeta em mar desconhecido?

Bebe de novo em invisível fonte?» (C.D.A. 34).

«**Dói** muito o seu dodói de alma?» (C.D.A. 15).

Houve duas interrogativas em que a VS pode ser devida a outros fatores: uma é uma S truncada e a outra tem verbo reflexivo:

«**Ou foi** em nome deles que pastores deixam de pastorear para faturar?» (C.D.A. 13).

«**Dissolve-se** a seresta no sereno?» (C.D.A. 14).

Houve ainda uma interrogativa em que a inversão foi da S inteira:

«**Que negócio** é esse de ansiedade?» (C.D.A. 14).

Quanto à regra c) confirmou-se porque a maioria de exemplos encontrados com verbos de existência (ou falta dela) ocorreu com VS:

«**Pensando** bem, **acontece** alguma coisa em tais ocasiões, entre vendedor e comprador?» (I É 11).

«**Falta** alguma coisa no Brasil...» (C.D.A. 39).

«... **foram-se** velhos quarteirões e em seu lugar ficou uma esplanada sem lógica...» (PN 10).

«**Sobra-lhe**, ainda, o reconhecimento de ter sido um dos melhores governadores...» (I É 17).

«E ainda assim **restaria** a delicada questão...» (I É 18).

«Depois da morte da escritora em BH, **surgem** (...) poemas e crônicas...» (I É 10).

«... próximo **existe** pequeno belvedere» (PN 16).

«e **some** o México, **somem** seus amantes, suas cores» (PN 39).

A maioria dos sujeitos pospostos a estes verbos é também indefinida, como notou Epiphanyo Dias.¹ Mas encontramos dois exemplos com SN definido:

«**Falta** aquele homem no escritório...» (C.D.A. 37).

«**Falta** o casal passeando no trigal...» (C.D.A. 37).

Embora a maioria dos exemplos encontrados com estes verbos seja com VS, encontram-se também alguns exemplos em que o sujeito não está posposto:

... Casas que vão morrer e que em breve não **existirão** mais (PN 25).

Os doces mineiros que teimam em **existir** no caos e no tráfico» (C.D.A. 20).

«A questão é que ele **existiu** e...» (PN 10).

«Se um responsável **existe**, ele habita em algum gabinete palaciano» (I É 13).

«Seus bem amados discípulos... **sumindo**» (C.D.A. 20).

«onde nenhum caboclo d'água,
nenhum minhocão ou cachoeirinha d'água,
cativados a nacos de fumo forte,
restam para semente
de contos fabulosos e assustados» (C.D.A. 5).

Devo notar a respeito destas orações em que o sujeito vem antes, que as duas primeiras são orações relativas em que o sujeito é um pronome relativo que, obrigatoriamente, tem que vir no princípio da oração: é igual ao caso da oração interrogativa em que o sujeito é um pronome interrogativo. Por esse motivo, elas não desmentem a regra.

Quanto à terceira oração com **existir**, parece-me que o fator que intervém aí é o pronome **ele** como sujeito. Quando o sujeito é pronome, é mais difícil ele vir posposto. Isto já foi constatado para o Português por Vanda Bittencourt (1979: 80) e para o Hebreu por Givón (1977: 211).

Já o quarto exemplo me parece que é uma violação da regra para conseguir um efeito estilístico (seja enfatizar ou topicalizar o sujeito), porque o normal seria a posposição nesse caso. Creio que essa mesma é a explicação para os dois últimos exemplos. Epiphânio Dias afirma que a posposição do sujeito com estes verbos se dá sem ênfase. Sabemos que quando queremos enfatizar um elemento, tiramo-lo do lugar habitual. Como o lugar habitual do sujeito com estes verbos é no fim, colocá-lo no início é enfatizá-lo.² No caso do último exemplo, veja-se que o autor repete a palavra **nenhum** (e a repetição é um processo de ênfase) e coloca os sujeitos no início da S, separados por uma oração inteira, o que concorre, na verdade, para topicalizá-los.

Quanto à 2a. parte da regra c) também encontramos confirmação:

«E entre os atuais ministros do STF **encontram-se** alguns ex-colaboradores de Buzaid» (I É 20).

«**Iniciava-se** também o processo de punição exemplar...» (I É 23).

«As quintas **instala-se** na nossa calçada e sobe Conde de Laje a feira semanal...» (PN 22).

«Já **se viam** dois partidos entre os padres pressionados» (C.D.A. 21).

«**Desfaz-se** com o ministério, uma antiga aliança, um rito da cidade» (C.D.A. 13).

Em poesia encontrou-se também um sujeito anteposto com verbo reflexivo:

«... enquanto vida
ou memória de vida **se consente**
neste planeta enfermo» (C.D.A. 10).

Quanto à regra d) de Epiphânio: não encontrei nenhum exemplo com pronome anteposto. Mas o fenômeno a que ele se refere nesta regra é o de uma topicalização (do objeto). E tenho observado que a inversão do sujeito é muito freqüente em orações topicalizadas. Isto pode ser verificado nas orações que alisto como exemplos de VS: há co-ocorrência de sujeito posposto com a anteposição (topicalização) de outros elementos da oração: adjuntos adverbiais de lugar, de procedência, objetos indiretos, e até orações inteiras.

Parece bastante claro também que não se trata de simples posposição do sujeito ao verbo, mas sim de colocação do sujeito na posição final da oração. Este fato é importante de ressaltar. São dois fatos simultâneos: um é a topicalização de um ou mais elementos da oração e outro é a colocação do sujeito no fim da oração. Segundo a Escola de Praga, a posição final da oração é a mais importante do ponto de vista da informação, porque é onde se encontra a informação nova. Mattoso Câmara Jr. (1972) endossa essa posição, ensinando que «nos padrões frasais portugueses, é o último termo da oração que dá em princípio, a informação nova da comunicação feita» (p. 145).

A regra e) também se refere a topicalização: do predicativo. Exemplos encontrados:

«Marcadas **ficarão**

as casas coloniais da praça da Matriz» (C.D.A. 9).

«Envenenada **morre** a flor de outubro» (C.D.A. 9).

«se pecado é viver entre rios sem peixe» (C.D.A. 9).

A regra f) também é confirmada pelos exemplos:

«... **deixa cair** de seu manto estas sugestões que me aniquilam...» (PN 42).

«**fazem secar e morrer**

a flor de água de um rio» (C.D.A. 7).

«que num instante **faz passar** nas retinas a sucessão prodigiosa dos contrafortes...» (PN 24).

«quando **vi surgir** das lajes (...) a figura do Conselheiro Rodrigues Alves» (PN 37).

«**vi crescer** sua igreja à sombra do Padre Artur» (C.D.A. 12).

Encontrei também este exemplo em Pedro Nava, que foge ao comum no Português do Brasil(mas ocorre em Portugal):

«sempre se esquecia de **fazer encher** aos fregueses sua ficha de inscrição» (PN 23).

Este outro exemplo apresenta a VS com gerúndio:

«... em que **vi passeando** a pé, na Praça da Liberdade, o Presidente...» (PN 43).

Quanto à regra g), sobre **participios absolutos**, também se confirma pelos exemplos:

«O mercado acaba ao meio-dia e **carregadas as bancas** — surge o batalhão terrível dos mendigos...» (PN 22).

«... **computada** a inflação» (I É 22).

«**Encurralados** todos,/ a serra do curral, os moradores -/ cá embaixo...» (C.D.A. 13).

Encontrei apenas um exemplo de anteposição com PP (mas é nitidamente menos comum:

«Era duma franqueza extraordinária e, **ocasião apresentada**, não teve nenhuma hesitação...» (PN 35).

Thomas (op. cit.) assinala VS com verbo **ser**. Encontrei alguns casos curiosos de verbo **ser** em início de S:

«**São** doze standards, músicas muito conhecidas e...» (I É 8).

«**São** mulheres, crianças, velhos. Não são gatos nem cães. **São** seres humanos» (PN 22).

«**Era** gente querendo saber...» (I É 23).

«**É** gente que vai murchando» (C.D.A. 6).

O verbo **ser** nestes exemplos parecer equivaler a: «Trata-se de...»

Há outros exemplos como esses em que parece que houve omissão de um pronome anafórico que se referiria a fatos narrados no discurso antecedente. Só que não houve nenhum pronome antes, mas a S se refere ao discurso anterior:

Era, sem dúvida, um progresso. (I É 23).

E foi (isso) exatamente o que o presidente J.F. começou a fazer. (I É 20).

(estas) São manifestações encorajadoras (I É 20).

«É bom negócio» (C.D.A. 21).

«É um fato do passado» (I É 20).

«Foi um período histórico em que o governo...» (I É 20).

«Não é muito, certamente. Mas é mais do que muitos esperavam» (I É 18).

«Foi o caso do deputado M.P. ...» «Foi o caso também do ex-prefeito de S.P.». (I É 16).

Em todos estes casos, para se entender a que se referem as orações iniciadas pelo verbo **ser**, é necessário se reportar às sentenças ou parágrafos anteriores. E não há nenhum substantivo ou pronome explícito que possa ser considerado como tendo sido elidido. É difícil, portanto, falar-se em elipse do sujeito, pelo menos do ponto de vista sintático. Esses são casos em que se vê a impossibilidade de separar a sintaxe do discurso. A interpretação das Ss é condicionada nitidamente pelo contexto pragmático (do discurso) não só semântica como sintaticamente.³

Exemplos de sujeitos oracionais encontrados:

«**Sabe-se** que essa divergência entre parlamentares...» (I É 19).

«Para isso não **basta** estar a seu lado a contar vitória...» (I É 20).

«é **impossível** criticar a inclusão de...» (I É 8).

«é bem **verdade** que, antes Gl. R...» (I É 9).

«Antes de mais nada, **cabe** ressaltar que...» (I É 11).

«**Seria conveniente** que as imagens de T. e V. se destacassem...»
(I É 13).

«Mas **convém** atentar para os riscos incrustados em sua instrução» (I É 13).

«Mas já no final da semana, **começava** a ficar evidente que...»
(I É 16).

«Pode ser, mas **é difícil** acreditar que o governo...» (I É 18).

Outros casos encontrados foram os das orações imperativas e optativas, que são raras no corpus observado:

«**Vai** Luís, pelos espaços, incendiando os astros». (PN 33).

«Que me **livre** o céu
da praga dinamite» (C.D.A. 25).

Casos de sujeito entre o aux. e o participio passado (cf. Cunha: orações sub. adverbiais condicionais construídas sem conjunção. p. 171).

«É sempre fácil discordar de antologias, **sejam** elas **apresentadas** em páginas de livro ou faixa de disco» (I É 8) (aqui é passiva e subj.).

«**Tivesse** ele **acrescentado** que o regime...» (I É 18).

Este é um caso em que o sujeito não vai para o fim da oração. Os casos seguintes não foram alistados pelos gramáticos examinados.

Em orações passivas sem o agente explícito:

«Desde que **foi desencadeado** o processo de incorporação...»
(I É 16).

«**Não foi possível apoiá-la**, pois o «distritão» — conforme **ficou conhecido** o sistema eleitoral proposto na emenda...» (I É 15).

«**Esperemos apenas dentro de nossas precárias rotinas, que nos seja dado conhecer** outras preciosidades...» (I É 11).

«quando **será escolhido** o sucessor de Figueiredo» (I É 20).

Interessantes esses exs., porque o sujeito posposto na verdade é o objeto direto da oração ativa correspondente. São orações passivas sem agente expreso. Ora, o efeito normal da passiva sobre a ativa é antepor o objeto e pospor o agente (que corresponde ao sujeito da ativa). Vamos explicar melhor: a frase ativa correspondente à primeira oração seria a seguinte:

“(Alguém) desencadeou o processo de incorporação”.

E a passiva completa seria:

“O processo de incorporação foi desencadeado (por alguém)”.

Ou seja, o objeto direto passaria a sujeito, e o sujeito passaria a agente da passiva.

Nas orações acima, no entanto, o sujeito da passiva está na posição final da sentença. Que ele é um sujeito posposto demonstra-se pela possibilidade da concordância:

«Desde que foram desencadeados os processos...».

É verdade que também se encontra muito o particípio sem concordar, como se vê na 3a. oração acima («que nos seja dado conhecer outras preciosidades») e se encontra a todo momento em tabuletas:

«**E proibido** a entrada».

«**Permitido** carga e descarga» (CB. Mercê, Pampulha, BH)

Este é um fenômeno freqüente na língua oral e na escrita menos policiada.

Givón (1979) afirma que a passiva é usada principalmente para escamotear o agente. Nestas orações acima não se encontra agente, ele é indeterminado. Não estando presentes os dois argumentos que acompanham o verbo transitivo, a oração se torna semelhante às de verbo intransitivo, e a VS ocorre.

Note-se que na Passiva completa, o agente se distingue do paciente não apenas pela posição final quanto pela preposição: **por**. Então, a ordem pode ser mudada, porque se assegura a comunicação pela **prep**. Sem o agente, o objeto fica na sua posição final e não se sabe mais se ele é sujeito ou objeto (a não ser pela concordância, mas esta é violada freqüentemente na fala e na escrita).

Um caso que não foi apontado por nenhum dos gramáticos citados, mas que impressiona pela freqüência é o das orações subordinadas iniciadas por **onde, que, em** (entre) **cujos, por que** (relativas): altíssima freqüência, uma vez que só encontrei uma oração iniciada por **onde** com ordem SVO — mas esta era com verbo transitivo. Pode-se dizer que a freqüência foi absoluta nesse caso.

«Mais para cá o pedaço urbano **onde foi** a Taberna da Glória» (PN 54).

«... **onde se não estão**, pelo menos **estiveram**, em maior quantidade, os testemunhos de nossa melhor qualidade arquitetônica» (PN 24).

«**onde repousam** as cinzas dos grandes do segundo reinado» (PN 8).

«É justamente assim que **acaba** esse lance de via pública **em cujo** ângulo fronteiro **fica** a moradia...» (PN 16).

«Mais lances de paredões de pedra que o tempo foi desconjuntando e **entre** cujas frestas **irrompem** árvores» (PN 15).

«... a **cujos** passos logo **crepitava** de leve a areia das aléias» (PN 39).

«... transformações químicas e geológicas **por que** **passa** nosso corpo no seu caminho para a morte» (PN 54).

«no desgaste que lhe **inflige**
o dente roaz do tempo (...)
em sua faina cruel?» (C.D.A. 20).

«... em que, à tarde, **ressoa**
a melodia dos poemas
de Henriqueta Lisboa» (C.D.A. 21).

Encontrou-se VS até com verbo transitivo:

«de onde, na escuridão, **desfere** o pássaro
— surpresa —
melodia jamais ouvida antes» (C.D.A. 29).

Note-se que em quase todos estes casos, houve a topicalização de um constituinte, um S Prep., para a 1a. posição na sentença.

Outros exemplos de inversão foram encontrados com **quando e como**, que também representam topicalizações:

«... **quando se vizinhos** o bolo confeitado do Palácio Tiradentes» (PN 10).

«Há pouco tempo **quando se anunciou** a vinda do Presidente da República» (PN 21).

«Como **soa** o sonil...» (C D.A. 15).

Outro caso de posposição do sujeito não arrolado pelos gramáticos citados é o das chamadas, em Gramática Gerativa, «sentenças truncadas» e «pseudo-truncadas».

«**Foi** o ministro P. G. quem apresentou o voto mais substancioso...» (I É 15).

«**Mas foi** exatamente porque o Governo não soube acatar uma decisão do Legislativo que o pacote de novembro foi editado» (I É 18).

«e **eram** muitos, muitíssimos, os que esperavam uma retaliação imediata» (I É 18).

«É justamente assim que acaba esse lance de vida pública...» (PN 16).

Com outros verbos (que não os de existência) também foi encontrado sujeito posposto:

«Em frente, sem placa de numeração (mas entre o 32 e o 36) **ressalta** um dos mais lindos chalés do bairro» (PN 15).

«Pensando nisto durante as caladas da noite de insônia **assalta-me** o desejo de me estudar também» (PN 55).

«Agora já não me **obseda** a morte» (PN 54).

«Aqui outrora **retumbaram** hinos» (PN 20).

«Nas lajes desse adro **pisaram** (...) os personagens imaginados de M.A.» (PN 23).

«**Vão melhorando** os sinais físicos do outro estado» (PN 28).

«**Cai** neve em Parnaíba» (C.D.A. 8).

«**Correm** todos a ver a neve santa» (C.D.A. 8).

«**Sai Glauber**, entra...» (I É 9).

Com o verbo **vir**:

«**Vêm** depois, do lado par, sobradões de portas e janelas com cercadura de granito» (PN 15).

«Num raio branco **vem** o fantasma de João Alphonsus» (PN 54).

«Também das mãos da amiga me **vieram** mais livro das bibliotecas do seu pai e do seu avô...» (PN 36).

Com o verbo **estar**:

«Lá **está** a representação das caveiras e esqueletos sentados...» (PN 42).

«Neste Ilusões do Mundo **estão** crônicas escritas por C.U.» (I É 10).

«**Está de pé**, irredutivelmente de pé, o compromisso democrático que...» (I É 19).

Com estes verbos ou verbos semelhantes foram encontrados também exemplos de ordem SV:

«A pele frontal **caiu** sobre os olhos...» (PN 56).

«e percebe se é dia, noite e se vulto **passa** à sua frente» (PN 51).

«Se a televisão **continua** assim...» (I É 13).

«A sessão, com efeito, **começa** de forma favorável à oposição...» (I É 15).

«Numa noite apenas,
o verdor **perece**,
já no chão vencido
a vagem **fenece**» (C.D.A. 25).

Em orações negativas também se encontrou VS:

«entre os mais próximos e diletos
não **estou** eu» (C.D.A. 37).

«Não vem resposta de Chico,
e **vai** sumindo seu rastro...» (C.D.A. 6).

«Para o moderado Tancredo Neves, portanto, **não passaria despercebido** o tom com que, na 2a. feira, (...)» (I É 20).

«até hoje, passados cinco anos do crime e da condenação,
não aconteceu rigorosamente nada ao delagado» (I É 13).

«**não existia** nada de oficial» (I É 22).

Note-se que, como em outros casos, há negativas com VS obrigatória (como quando se começa a S com **não** e o sujeito é um pronome indefinido) e outras negativas com VS optativa.

Encontramos também casos em que o verbo vem iniciando a oração, mas o SN que o segue não costuma ser caracterizado como sujeito e a oração é considerada sem sujeito.

Incluem-se aí os casos de verbos impessoais como **chover** e **fazer** indicando tempo ou fenômenos atmosféricos: «Faz calor», «Faz um ano que não vou lá».

«e adverte que **é** hora de preparar o partido (...)» (I É 18).

«Se **era** para chegarmos a isso, melhor não ter havido o pacote» (I É 18).

«**havia** um clima de crioulo doido...» (I É 22).

«Para ele, **não houve** presidente, na história da República, que tivesse sua imagem mais preservada pelas oposições que F.» (I É 20).

Estes casos colocam o problema dos critérios para classificar um SN como sujeito ou não. No caso do verbo **haver**, por exemplo,

que é tão semelhante a **existir** semântica e sintaticamente, a dúvida se instala: o que distingue o SN que vem depois de **existir** do que vem depois de **haver**?

Por que considerar o SN de **haver** como objeto e o de **existir** como sujeito? Parece-me que a justificativa sintática para dizer que o SN de **existir** é sujeito é o fato de ele poder ocorrer anteposto, como acontece com os SNs que acompanham outros verbos intransitivos (**cair**, **subir**, etc). Já com o verbo **haver** isto não acontece. A outra justificativa é a concordância: o verbo **existir** vai para o plural se o SN for plural, mas o verbo **haver** não. No mais, parece-me que os SNs que seguem ambos os verbos têm características semelhantes: não-agentes, com tendência a serem indefinidos e inanimados. Há uma tendência para os SNs pospostos a **existir**, como a outros verbos, serem indefinidos e inanimados.

As características prototípicas principais do sujeito em Português (aqueles casos claros, de oração transitiva com verbo de ação) são: ser agente, vir antes do verbo e este com ele concordar. Quando se espõe o SN, e ele não é animado (os agentes costumam ser animados) resta a concordância. Para a língua escrita, a concordância pode ser usada como critério, mas este critério, como se sabe, é bastante fluido. Escritores menos cultos, ou revisores menos tensos podem deixar passar, e o deixam cada vez mais freqüentemente, orações em que o verbo **haver** vem no plural, como se pode constatar em jornais e revistas conceituadas.

Tanto se encontra **haver** com SN plural como **existir** com SN singular. Ouvi em aula de concurso para professor na FALE:

«**Haveriam** leis... **existem** hipóteses...»

Encontrei em provas de alunos da FALE (graduação):

«Esta é uma questão que até hoje **existe** controvérsias a respeito»

«Não **existe** duas línguas exatamente iguais. **Existe** algumas expressões iguais».

«e não **existe** novas combinações de palavras»

Como se sabe, pesquisas sociolingüísticas já demonstraram a baixa ocorrência da concordância com sujeito posposto na língua oral.⁵ Fenômeno semelhante ao de **haver** ocorre com **fazer** indicando tempo, pois vê-se comumente:

«Fazem muitos anos...»

E com **ter** na língua oral se ouve: «Vieram doze, mas já **tinham** dezessete pessoas lá».

Assim, o que sobra? Para manter a classificação gramatical tradicional que distingue o SN posposto a **haver** do de **existir**, sobra apenas a consciência de que com **existir** é possível antepor o sujeito e com **haver** não. Toma-se então, como básica, a posição anteposta e considera-se que o SN posposto a **existir** é um sujeito posposto e o SN posposto a **haver** é um objeto direto (embora nunca se possa ter passiva com este objeto).

Muita coisa ainda poderia ser examinada com respeito ao caso de **haver** (que corresponde a **ter** na língua oral), mas seria um outro trabalho.

Uma maneira de evitar tratar diferentemente os SNs pospostos a verbos seria estudá-los sob a denominação de casos em que o verbo ver anteposto, ou em que o verbo é inicial.

Partindo da denominação (VS) que adotei aqui, o fenômeno é tratado com uma restrição que talvez, muito provavelmente, não se justifique. Adotei o ponto de partida de ordem VS porque esta é a maneira adotada pelos estudiosos de Tipologia Lingüística até agora. Por exemplo, Bernard Comrie (1980) continua considerando como **sujeitos** os SNs que têm alguma(s) das características prototípicas apontadas por Keenan (1976) e continua adotando as nomenclaturas SVO, VSO, etc., para classificar as línguas. Mas a idéia de partir da nomenclatura V inicial também tem sido adotada e o estudo de Ruth Berman (1980) para o Hebraico nos induz a acreditar que o fenômeno pode ser o mesmo num âmbito que transcende o do Português. Ruth Berman estudou as construções impessoais em Hebraico, que são semelhantes às nossas, pois o Hebraico não tem sujeito «dummy».

Ela arrola como orações sem sujeito, em Hebraico, todas as orações existenciais (enquanto apenas as com **haver** são assim consideradas em nossas gramáticas), as relativas a fenômenos atmosféricos e comentários relativos ao clima, as com predicados afetivos (tipo **é óbvio** que ...) as com predicados modais (é possível que..., é necessário que...) as passivas impessoais (é sabido que...) e orações

impessoais de 3a. pessoa plural que podem funcionar no lugar de passivas sem agente, além de orações possessivas e experienciais (que não existem em português).

Estas construções são consideradas em nossas gramáticas como de posposição do sujeito (com exceção das de comentários sobre o clima). No entanto, me parece que as construções são semelhantes nas duas línguas, porque começam sempre com o predicado, e não apresentam sujeito «postiço», como em inglês ou francês («it is possible», «il est possible», etc.).

Se considerarmos todas estas construções como do mesmo tipo, ou seja, V inicial, será possível talvez alcançar uma generalização maior. Para Berman há uma correlação tipológica entre estas construções e as construções VS. «Assim o Hebreu, enquanto basicamente SVO, faz largo uso de construções com verbo-inicial» (p. 759). O Hebreu é, para Berman, uma língua (S) VO que «tem uma extensa gama de tipos de orações em que falta um sujeito gramatical expresso».

Outras correlações tipológicas que ela aponta para línguas que têm orações sem sujeito são: a língua não ter proeminência de sujeito (no sentido de Li e Thompson, 1976) e tolerar numerosas operações de topicalização. Quanto ao fenômeno da não-proeminência do sujeito em Português e das operações de topicalização já tratei em artigos anteriores (1980, 1981a, 1981b, 1981c). Parece-me que as observações de Berman se aplicam ao Português, que é uma língua sem nenhum parentesco com o Hebreu.

Para ver a semelhança entre construções tradicionalmente consideradas como de posposição do sujeito, pode-se comparar uma sentença com o verbo **faltar** e uma com **haver**:

«**Tá faltando** uma fita aqui embaixo»

«**Havia** uma fita aqui embaixo»

Assim como antepor «uma fita» a **haver** é estranho, também o é com **faltar** (a não ser que se trate de topicalização contrastiva):

?«Uma fita tá faltando aqui embaixo»

?«Uma fita havia aqui embaixo»

LINGUAGEM COLOQUIAL

Para comparar com os dados da língua escrita, examinei dados colhidos por 5 alunos do Mestrado em Lingüística, e por mim mesma. As 5 gravações tiveram de 15 a 30 minutos. Todos foram diálogos informais, feitos com pessoas de Belo Horizonte, de nível universitário. Além dos dados colhidos de gravações, há outros exemplos anotados por mim à medida que ouvia alguém usar uma frase com VS: estão marcados como avulsos (av.).⁶

Intercaladas — Há orações na linguagem oral que se parecem com as intercaladas da escrita, por exercerem a mesma função, mas costumam vir no início do período. Apresentam a ordem VS:

«**Diz** o médico que não tem nada a ver uma coisa com a outra». (av.).

«**Disse** ela que o Carlos André guardou a nota». (av.).
São típicas do estilo narrativo.

Interrogativas — Apresentam VS mesmo com **é que**:

«Cumé que **chama** isso, é um... microfone».

«Aquele domingo não **ficou** gente aqui em casa?».

«Mas de minha parte num **tá saindo** muito... impropérios gramaticais, não?».

«**Vai sair** o que que ocê falou?»

«**Onde fica** o correio?» (av.).

«**Veio** alguma notícia sobre a bolsa?» (av.).

«Então, cumé que **foi** tudo lá no forum?» (TV Globo, novela das 6).

«**Por que** naquele lugar não **nasce** mato?» (av.).

«Como é que **foi** o almoço lá domingo?»

«Como é que **tava** a festa lá do...?»

«**Onde está** aquela gramática?» seguido de: «Aquele gramática onde está?» (topicalização) (av.).

«**Você sabe** que **sumiu** a caneta daqui, né?» (av.).

«**E qual é** a vantagem disso?» (av.).

«**Será que** **passa** algum ônibus lá?» (av.).

«**Passaram** algumas meninas por aqui?» (av.).

Interrogativas com palavras gramaticais ou sem elas (perguntas sim/não) ocorrem com ordem VS em Português. Contrariamente ao que diz Thomas, mesmo com **é que** ocorreu a ordem VS. Todos os exemplos encontrados são intransitivos.

Verbos existenciais

«**Tinha** umas três ou quatro escovas aí, só **sobrou** uma» (av.).

«Não, mas (se) **tá faltando** um, tem que jogar».

«**Fica** muita coisa».

«**Existe** aquele artigo que foi chamado atenção pela comissão».
(av.).

«Aqui nunca **falta** água». (av.).

«**Existe** um certo tipo de robô, se você perguntar prá ele...».

«**Tá faltando** uma fita aqui embaixo».

«Aqui **tá faltando** uma fita» (av.).

«... porque **sumiu** a minha escova!» (av.).

Exemplos de **existir** com SN anteposto (em TV Globo novela das 7):

«Nós já sabemos que dois desses cupidos **existem**».

«Quem garante que esses quatro cupidos **existem?**»

«Alguma coisa me diz que esses dólares **existem**»

Note-se que estes exemplos de SNs antepostos são todos definidos e podem ser considerados como tópicos (dentro da linha de Givón, 79).

Verbos reflexos de sentido passivo

Na língua oral, como já foi assinalado por outros pesquisadores (Veado, 1980; Dutra, 1981) o «se» está desaparecendo e em seu lugar está-se usando simplesmente o verbo na 3a. pessoa do singular, para indicar indeterminação do agente. Eis alguns exemplos em que o verbo ocorre sem o «se» e o agente não é expresso:

«**Tritura** (se) o vidro e **mistura** (se) com pó de pedra... porque o vidro triturado é prá dar brilho».

«**Precisa** disso ser considerado uma linha de pesquisa ou poderia (se) colocar como duas teses à parte?».

«Mas **tira** (se) coisa daqui».

«Não, com o vento não (se) **aproveita** nada, a voz vai toda embora».

«Era bom um dia que (se) **pudesse reunir** as famílias».

Estas frases, dentro do contexto, têm o mesmo sentido que na língua escrita têm as construções com «se». Coloquei o «se» entre parênteses, embora não tenha sido falado, porque as frases fora do contexto dão margem a outras interpretações, ficam ambíguas. Na verdade, elas não são propriamente casos de posposição do sujeito, uma vez que o sujeito não está expresso. Mas são casos semelhantes aos da língua escrita com «se», que os gramáticos têm considerado como de posposição do sujeito, por isso vão aqui arrolados.

Topicalização do objeto (um só exemplo)

«Isso **fica** fácil lavar depois»

Topicalização de predicativo

«Interessante esse bairro aqui» (av.).

«Muito bonita aquela região» (av.).

Sujeito de oração infinitiva (pouco freqüente; não encontrada nas gravações).

«O sal faz parar o sangue» (av.).

Passiva (o particípio absoluto não foi encontrado nas gravações; os exemplos de passiva foram de aula de concurso na Faculdade):

«Sempre **é usado**, como forma de ensinar essa brincadeira, uma fórmula...».

«**Deve ser inserido**... uma frase»

Com gerúndio:

«**Entrando** todo mundo a gente dá conta».

Com verbos diversos:

«**Acumula** muita água, **vem** a ferrugem e aí também costuma sempre **ficar** um pouco de mosquito, sabe disso?»

«**Cresceu** as trepadeiras» (av.).

«**Está começando** o Jornal das Sete» (TV Globo).

«Agora **tá escurecendo** as folhas» (falava-se deavenca).

«Agora **diminui** o movimento, né?» (av. ouvido numa loja iniciando conversa).

«**Passava** esses mesmos filmes que passa aqui».

«**Vai morrer** o filho dela» (novela de TV).

«**Tá** ali na sacola, ali, acho que é torresmo com pão».

«**Tá** tudo aqui, ó!».

«**Tava** lá minha tia».

«**O, fechou** aquela banca ali» (av.).

«**Chegou** duas cartas pr'ocê» (av.).

Subordinadas em geral:

«Vou preparar esta galinha desta maneira, como **fazia** minha mãe» (Thomas, 245).

«Vamos a Vassouras, de onde **vem** um bom queijo» (id. 245).

«Não pode subir na árvore, que **cai** as flores» (av.).

«Agora dá, porque não **vem** carro» (av.).

«Acho que **deu** rato aí debaixo de sua camisa, viu?» (av.).

«Toda a polícia de Minas procura o fiat no qual **fugiram** os assaltantes» (noticiário de TV).

«... porque **queimou** o termostato do fogão» (av.).

Em orações principais, com verbos de movimento:

«... e pode **entrar** aqui também o seguinte: é... essa pesquisa, essa tese da Suely, sabe? que é sobre adjetivos».

«Caiu terra aqui» (av.).

«Veio uma bola mais de dois palmos do nosso lado».

«Cai o preço do petróleo no O.M.» (TV Globo, Jornal Nacional, 23-2-82).

«Todo dia caía uma garota na minha sopa. Agora não: todo dia caem duas» (TV Globo: 26-3-82).

«Já deve ter descido muita terra aí» (av.).

Exclamativas:

«lh, vai cair uma chuva!» (av.).

«Ó, germinou alguma coisa aqui na areia!» (av.).

Sentenças truncadas e pseudo-truncadas:

« o Cristo fui eu».

«Pos é, mas é isso que eu quero saber».

«... quem cai é a T».

Em resposta com verbo ser:

«Sabe o que era?» «Era um frango à espanhola».

Em «afterthought»:

«Começou a fazer efeito mesmo, os remédios» (av.).

Oração subjetiva:

«porque parece que vi em quadros, em peças...».

Optativa:

«Tomara que faça bom tempo amanhã» (av.).

Alisto, em seguida, alguns exemplos em que o sujeito vem antes do verbo, embora os verbos sejam os mesmos que ocorrem com VS. São interessantes para mostrar que a posposição não é obrigatória. A maioria dos sujeitos é de pronomes. Há dois casos que me parecem topicalizações (um com gerúndio e o outro com **aparecer**).

«O preço da gasolina **baixou** nos Estados Unidos» (estava-se falando do carro a álcool no Brasil — Fantástico, 14-3-82 — TV Globo).

«Com vara **cê fica** só no barranco».

«Cês num **foram** aquele dia à noite, **pescar**, não?»

«... prá que lado que nós **vamos**, e, no final do passeio, onde é que nós vamos almoçar».

«Aonde é que nós **vamos**?»

«Aí, ocê **ficando** com o dedo aí, quando a bala **entra**, a agulha **funciona**».

«Camarada **aparece** lá... daqui que desembulhe tudo...».

«E como é que tem esses acidentes que a arma **caiu** e **disparou**?».

«Em vez da bala **cair** quem cai é a T...».

Ocorreram vários casos de V inicial, em que ou não se segue um SN ou o SN que segue não costuma ser considerado sujeito, tradicionalmente. Optei por não os considerar como de ordem VS, mas sim de V inicial, sem discutir se a tradição está sempre correta. Costumam ser considerados impessoais, tanto os comentários sobre o tempo, como os outros:

«Eu cheguei já **era** nove horas da noite. **Tava** muito tarde».

«**Foi** domingo, **foi** dia dezessete, né?».

«Pois é, sô, **deu** azar que eles responderam agora, né?».

«Se ocê fechar tudo aí **dá** até uma gravação boa...».

«Pois é prá ela ir lá todo dia...».

«Tanto que **dá** muito marimbondo lá...».

«Eles tão arrumando, é nego que num paga, eles pega e às vezes tão tirando... É uma parada!».

Com o verbo **dar** acontece a mesma coisa que com **faltar** e outros: é possível ocorrer um SN a ele anteposto, mas neste caso o SN tem uma conotação contrastiva, o que indica uma topicalização:

«Marimbondo dá muito lá» (= o que dá muito lá é marimbondo).

O que se observa a respeito da língua oral é que há uma incidência de certos verbos que ocorrem mais em posição inicial. Em todos os tipos de oração, tanto afirmativas, como negativas, como exclamativas, etc., os verbos que aparecem são daqueles que Ephiphanyo Dias coloca na regra c): **existir, ocorrer, aparecer** e seus sinônimos. Contreras (1976) diz que verbos que denotam **começo, surgimento, existência**, etc., parecem ter a função apresentacional e Givón (1979) chama-os de «existenciais-apresentativos»: «**be, exist, stand-sit-lie down, live, appear, often remain, be left** and sometimes verbs of entrance into the scene such as **come or enter**» (p. 28). Segundo Givón, esta tendência para estes verbos aparecerem em posição inicial é universal nas línguas SVO. No Português oral coloquial, os casos de VS mais freqüentes são, de longe, aqueles em que um verbo deste tipo aparece: **vir, entrar, chegar, passar, estar, existir, aparecer, sumir, sobrar, faltar, cair**, são verbos que ocorrem a todo momento, em todo tipo de frase. Pode-se dizer que, do ponto de vista da freqüência de ocorrência, os casos de VS em Português coloquial mais significativos se resumem àqueles em que um destes verbos ocorre.

FREQUENCIA EM TEXTO DA ORDEM VS

Partindo das regras das gramáticas, tem-se a impressão de que a ordem VS é mais significativa do que a ordem SVO, em Português, uma vez que são tantas as situações em que ela ocorre, e nos mais diversos tipos de oração. Por esse motivo, é interessante verificar, no discurso, qual é a freqüência de ocorrência dessa ordem. Examinei, para este fim, as primeiras 100 estruturas em que ocorria algum verbo na revista **Isto É** (10-3-82), a fim de verificar quantas vezes ocorria verbo seguido de sujeito. Encontrei, contando com a capa, os seguintes casos:

«Como **ficam** as eleições» (capa).

«... é uma extravagância haver duas cinematografias» (p. 3).

«... onde **fica** a cama da prostituta Penélope» (p. 4).

«... é fácil prever o final» (p. 4).

«Imprevisível, porém, é a graça, a agilidade e a musicalidade do filme» (p. 4).

«É tudo muito grandioso...» (p. 4).

«Ali **se passam** grandes cenas eróticas...» (p. 4).

O resultado, portanto, foi de 7 para 100. Não incluí nestas 100 frases contadas casos de oração sem verbo, evidentemente. Houve um caso duvidoso, que se for incluído como de ordem VS, aumenta para 8 os exemplos deste tipo:

«Outras, mais solitárias, explodiram e desapareceram por falta de seguidores, como **foi** o caso de Luiz Sérgio Person em S. Paulo S/A...».

Excluí da contagem este exemplo, porque pode ser considerado de elipse do sujeito (pragmática), uma vez que é possível ter-se: «Este foi o caso de L.S.P.».

Para ter certeza de que esta contagem não é aleatória, contei mais 100 estruturas em seguida (na mesma revista p. 4-9) em que algum verbo aparecia (excluí orações sem verbo) e encontrei novamente 8 casos de ordem VS em 100. Excluí orações como as seguintes, em que o sujeito elítico se refere ao discurso anterior (pragmático):

«**São** doze standards...» (p. 8).

«**É** o início de minha fase internacional...» (p. 8).

Os exemplos contados foram oito:

«**Faltava** a ele a fluidez e a cintura...» (p. 7).

«**É** sempre fácil discordar de antologias, **sejam** elas **apresentadas** em páginas de livros ou faixas de disco» (p. 8).

«... **é** possível criticar a inclusão de...» (p. 8).

«**Sai** Gláuber, entra...» (p. 9).

«**É** bem verdade que, antes, Gláuber Rocha chegou a procurar Callado...» (p. 9).

«... o grande sucesso que **vem fazendo** sua peça...» (p. 9).

«onde o **esperam** dois meses de seminários na Universidade de Yale...» (p. 9).

Note-se que o último exemplo tem verbo transitivo e o objeto direto é um pronome oblíquo, ou seja, que não pode ser sujeito: o caso aí indica o objeto, de modo que a inversão não interfere na identificação do sujeito e do objeto.

Vê-se que a proporção é praticamente a mesma, nas duas amostras examinadas. Esta estatística demonstra a percentagem de ocorrência de VS nas estruturas com verbo expresso.

Para se ter uma idéia mais completa do quadro em que se inserem estes exemplos, é interessante notar que se encontrou uma alta percentagem, em texto escrito, de verbos sem sujeito expresso, por causa da possibilidade de elidir o sujeito quando ele é co-referente. Encontrei nas primeiras 100 estruturas estudadas, 39 casos de elipse do sujeito, em que o verbo estava na 3a. pessoa, concordando com o sujeito expresso em outra oração.

Segundo Givón (1981) este é o caso mais alto numa escala de estratégias para manter a continuidade do tópico no discurso. Em seguida, vêm os pronomes anafóricos, que neste texto são 3 pronomes pessoais de 3a. pessoa e 6 pronomes chamados indefinidos em nossa gramática (**todos** e **outros**). Este texto também apresenta uma alta percentagem de pronomes relativos sujeitos: 13. Todos contribuem para a coesão do texto e para manter a continuidade do discurso, uma vez que são anafóricos. Sintagmas nominais definidos também, segundo Givón (1981) contribuem para a continuidade do tópico. Neste texto, há 29 SNs plenos, todos ou definidos e anafóricos ou nomes próprios, todos referentes aos títulos de filme, personagens, atores, alguns repetidos mais de uma vez. Todos também contribuindo para a continuidade do discurso, uma vez que o tópico aí é cinema, crítica de filmes. Não há nem um sujeito anteposto com SN indefinido. Há ainda dois casos de elipse pragmática (já exemplificados) e um verbo considerado impessoal: **haver**. O quadro do resultado é o seguinte:

Sujeito expres- so SV 51	VS		7
	SNs def.		29
	Pro. anaf. (22)	rel.	13
		pes.	3
outros		6	
Sujeito não-ex- presso 42	Elipse pragm.		2
	Elipse p/concord.		39
	Verbo impes.		1
Total			100

Quadro de freqüência: VS na escrita.

Por este resultado, vê-se como predominam, no texto, as estratégias que favorecem a continuidade do discurso: são 93 casos de continuidade. Sobraram 7 exemplos que, segundo Givón (1979-1981), são estratégias de descontinuidade: construções de ordem VS e existenciais. Examinando esses exemplos, vemos que eles se destacam dos outros por não serem anafóricos, e portanto apresentarem alguma coisa pela primeira vez no texto, ou seja, são «novos» de algum modo. Assim são «as eleições», que ocorre na capa, e portanto pela 1a. vez na revista, assim também com «haver duas cinematografias», «a cama da prostituta Penélope», «grandes cenas eróticas», «a graça, etc.». Nenhum desses SNs havia ocorrido antes no texto, todos são novos. O único que foge a essa classificação é o pronome **tudo**, que é anafórico e ocorre na posição pós-verbal. Dependeria de uma análise estilística discutir esse exemplo, o que eu deixo para outra ocasião. Parece-me que a afirmação de Givón, de que a ordem VS é uma estratégia de descontinuidade, se evidencia nesse texto, contrastada com o pano de fundo das estratégias de continuidade (93 versus 7). Vê-se também o caráter marcado da ordem VS, que aparece em minoria no discurso.

Em virtude da alta incidência de orações sem sujeito explícito, por causa da anáfora por elipse, não se tem uma idéia, por essas estatísticas, da relação existente entre ordem VS e SV, uma vez que quando o sujeito está elítico, não podemos saber se ele viria antes ou depois de V. Para ter idéia desta correlação é necessário contar os casos de sujeito expresso e ver a percentagem de ocorrência de sujeito antes e depois do verbo. Por esse motivo, contei 100 estruturas em que o verbo aparecia com sujeito expresso e encontrei o seguinte resultado: 85 sujeitos antepostos para 15 pospostos. (I.E. 10-3-82, p. 3-9). Acho que isso confirma a superioridade de anteposição do sujeito sobre a posposição e o caráter não-marcado da primeira em relação à segunda.

LINGUA ORAL

Para comparar a língua escrita com a oral, examinei primeiro 100 frases em que ocorria algum verbo, num diálogo informal entre duas pessoas jovens, de Belo Horizonte, de nível universitário.

Encontrei apenas dois casos claros de VS:

«Não, mas **tá faltando** um, tem que jogar».

«E o Cristo **fui eu**».

Outros casos me deixaram na dúvida, porque o verbo pode ser interpretado como impessoal: ⁷

«Engraçado... num devia **dar** um barulhinho aqui?».

«Se ocê fechar tudo aí, **dá** até uma gravação boa...».

Outros podem ser considerados de elipse pragmática:

«J. falou **é** traíra e tal, né?».

«**Tá** ali na sacola, ali, acho que **é** torresmo com pão».

Há ainda os casos em que a 3a. pessoa do singular indica sujeito indeterminado (sem o se):

«Ah, já é outro departamento, porque (se) **enxerga** a minhoca, (se) **enxerga** o anzol».

A porcentagem de VS na língua oral é bastante reduzida, portanto. Isso foi confirmado por um estudo de outro diálogo, também de dois jovens de nível universitário, de Belo Horizonte, em que não se encontrou nenhum caso de VS em 100 estruturas em que apareceu verbo.

Esta diferença entre língua escrita e oral é explicável, se considerarmos que vários dos casos que a gramática arrola como de VS são estruturas típicas de língua escrita: participio absoluto, construções com **se**, construções com infinitivo, orações subjetivas. Se também, como vou discutir adiante, a construção com VS é mais conservadora, a menor frequência no diálogo é explicável, pois sabemos que a língua escrita tende a ser mais conservadora do que a oral.

Neste texto também se confirma a teoria de Givón acerca da escala das estratégias de continuidade no discurso. Há, porém, uma diferença entre a língua oral e a escrita. No diálogo, há maior frequência de ocorrência de pronomes pessoais em detrimento da elipse por concordância. Há uma alta incidência de pronomes de 1a. e 2a. pessoa, característicos do diálogo. Esta não é uma diferença significativa em termos de discurso, pois o pronome pessoal é também

considerado como uma estratégia de continuidade. Em Português muitas vezes o pronome pessoal é redundante, porque a flexão do verbo já indica o sujeito. Esta é a razão porque na língua escrita ele não ocorre. Sua alta freqüência no discurso oral deve ser devida às condições de ruído típicas da conversação, em que a redundância é necessária, provavelmente, para assegurar a comunicação (um fator pode ser que o fim das palavras costuma ser surdo em Português, e a terminação dos verbos fica pouco audível). Outro fato diferente na língua oral é a ocorrência de elipses pragmáticas da 1a., 2a. e 3a. pessoas do tipo:

«Tónico, **come** um».

«**Comi** banana».

«É uma delícia».

O resultado geral do primeiro diálogo examinado revelou uma predominância maciça do pronome pessoal de 1a. pessoa do singular, (23 exemplos) seguido dos de 2a. (6 exemplos) e 3a. p.s. (7 exemplos), o que confirma uma afirmação de Givón, de que na conversação diária a 1a. e a 2a. p.s. são os tópicos predominantes. Ocorreram também cinco exemplos de 2a. p.s. indeterminada, como se vê abaixo:

«Molinete, que aí é mais... principalmente em lagoa, **cê** joga lá no meio, aí **cê**...» (...)

«— Mas com o molinete **cê** pode, na lagoa **cê** joga no meio.

— Exato.

— Com vara **cê** fica no barranco, é só peixinho que **cê** vê ali, né?».

Nota-se que a 2a. p.s. é indeterminada, aí, pelo contexto, sobretudo pelo adjunto adverbial «na lagoa», que dá à oração um sentido mais geral do que aquele das outras orações do texto.

Ocorreram no texto 47 pronomes pessoais antepostos.

Pronome relativo ocorreu só uma vez, antecedido de pronome demonstrativo **o**:

«Não, deixa aberto, **o que** puder aproveitar, aproveita».

Esta frase exemplifica, também, o uso do verbo na 3a. pessoa do singular simplesmente, sem sujeito expresso, o que corresponde à

construção impessoal com (se) na língua escrita. Ocorreram 9 casos como esse, de 3a. p. sing. sem sujeito exposto. Na língua oral, quando não se quer determinar o sujeito, basta colocar o verbo na 3a. p.s. e não colocar sujeito nenhum. Isso acontece tanto com verbo transitivo como intransitivo:

«Toda hora tem que jogar».

Acredito que esta construção é sinônima da construção com «a gente», que ocorreu apenas duas vezes no texto. Se colocássemos «a gente» na sentença acima, o sentido seria o mesmo:

«Toda hora a gente tem que jogar».

Com relação a sujeito indeterminado, ou processos de escamoteação do agente, notam-se os seguintes recursos neste texto:

1º — uso da 3a. p.s. sem sujeito exposto — 9 casos

2º — uso do pronome pessoal da 2a. p.s. — 5 casos

3º e 4º — uso de «a gente» e da 3a. pessoa do plural — 2 casos cada.

Exemplo de 3a. p. pl.:

«Ali, é, **descobrir(am)** um lugarzinho assim bem na lagoa, mas prá lá atrás assim».

Enquanto que a ocorrência de pronome pessoal anteposto é bem alta na língua oral, a anáfora ou elipse por concordância deu apenas oito exemplos, o que mostra uma boa diferença em relação à língua escrita. Se raciocinarmos estritamente do ponto de vista da sintaxe, esta parece uma diferença significativa para a nossa pesquisa, porque com o pronome exposto tem-se ordem SV e sem o pronome, tem-se o verbo iniciando a oração. Mas se analisarmos os dados segundo o ponto de vista do Discurso, vemos que tanto um como outro são o mesmo processo de manutenção do tópico. São ambos processos anafóricos, seja anáfora pragmática ou de texto. A diferença entre o oral e o escrito está, a meu ver, em que na língua escrita é possível eliminar

o pronome, porque se vê a terminação do verbo e também se pode voltar atrás, sempre que necessário, para procurar o referente. Além disso, faz parte do processo de educação da língua escrita aprender a eliminar os pronomes quando considerados redundantes. Quem já ensinou crianças a escrever sabe que elas têm tendência a escrever os pronomes que usam na língua oral e a professora tem que insistir durante muito tempo para que elas aprendam a evitá-los nas redações. No Brasil, é considerado elegante suprimir os pronomes na escrita, daí não ser surpreendente que eles não apareçam no texto escrito.

A elipse que ocorre na língua oral mais vezes é a pragmática: 14 casos foram contados neste texto, sendo os mais freqüentes os casos de imperativo e de 1a. p.s. do presente do indicativo, em que a flexão do verbo já indica sujeito (já exemplificado).

Outra freqüência que me pareceu significativa foi a de verbos impessoais: 6 ocorrências. Segundo Givón (1981) os verbos existenciais, alguns dos quais são classificados em nossa gramática como impessoais, têm a mesma função no discurso que a ordem VS: discontinuidade do tópico. Sua função é apresentativa: apresentam algum elemento novo à consciência do ouvinte. Se isso é verdade, então a baixa percentagem de ordem VS no discurso oral é contrabalançada pela ocorrência dos verbos impessoais.

Veja-se, em resumo, o quadro geral que a língua oral apresentou:

Suj. expresso	VS	2	2
	SV	Pro. Pes. SNs	47 12
Suj. elítico (anafórico)	Elipse prag.	14	22
	Elipse por concord.	8	
Sem sujeito	V. impes.	6	17
	3a. p.s. ind.	9	
	3a. p. pl. ind.	2	
Total			100

Quadro de freqüência: VS em língua oral.

Os SNs antepostos (12) foram, em sua maioria, nomes próprios, às vezes repetidos.

Podemos notar, a respeito deste quadro, que há uma quantidade significativa, também na oral, de orações começando com verbo: para 59 casos de sujeito expresso antecedendo o verbo, 41 casos de orações com V inicial, dos quais 2 são VS, e 39 têm apenas V, que pode ser seguido de um SN (como «dá marimbondo lá») ou não. Se a oposição for posta em termos de SV versus V —, há um balanço em Português entre as duas possibilidades. Vários falantes manifestaram a intuição de que quando o verbo vem antes, a ação é considerada de algum modo o foco da atenção. Isto se sente particularmente em exemplos como os seguintes:

«Olha, **germinou** alguma coisa aqui».

«Ó, **fechou** aquela banca ali».

«Ó, **desce** gente aqui».

Quando falei estas frases eu estava considerando importante comunicar o **que** aconteceu, não a **quem** aconteceu. As duas primeiras foram observações em contexto, não se ligando a nada que fora dito antes. A última foi dita a propósito de um lugar em que eu não sabia que o ônibus parava. O que importava era o fato de **descer**, **quem** descia era secundário, daí ter sido usada a palavra «gente», que equivale a uma indeterminação do sujeito. Os SNs destas frases não são agentes, são pacientes, semanticamente.

Nota-se, enfim, por este resultado, que para 59 exemplos de sujeito anteposto, tivemos apenas 2 de sujeito posposto.

Para verificar a frequência relativa SV versus VS de maneira mais clara, contei 100 estruturas em que havia sujeito expresso claramente. Eliminei, portanto, verbos impessoais, e os casos de sujeito indeterminado indicados pelo verbo na 3a. pessoa (sg. ou pl.), além das elipses de sujeito.

Encontrei em 100, além dos dois exemplos de VS já exemplificados, mais os seguintes:

«**Veio** uma bola mais de dois palmos do nosso lado».

«Num **foi** só eu, não, eu fui um dos que falou, né?».

«Quando é ontem à noite ele chegou, **tava** A., E. e eu lá».

Deu, portanto, uma proporção de 5 VS para 95 SV, o que demonstra o caráter marcado, em termos de frequência, da ordem VS. A ordem normal, não-marcada, é SV.⁸ Confirma-se também a diferença entre oral e a escrita, em que encontrei 15 exemplos de VS em 100, em estruturas com sujeito expesso. Na língua oral informal, em relação à escrita formal, os casos de VS são ainda mais marcados, mais inusitados e a ordem SV é a norma.

Concorrem para a maior ocorrência de VS na língua escrita a maior frequência de certos tipos de oração que são mais raros na língua oral: participio absoluto, reduzidas de gerúndio, intercaladas, orações com infinitivos, relativas, ou seja, as subordinadas de modo geral, são mais freqüentes na língua escrita.

Como é exatamente nelas que ocorre a ordem VS, forçosamente haverá uma redução desta na oral. É interessante observar que encontramos exemplo de oração reduzida de gerúndio e de infinitivo nos diálogos examinados, mas o sujeito estava topicalizado:

«Mas ocê **pegar** e cortar a trajetória da bola com a rede isso também já é demais».

«Eu **convidando** o L. prá gente ir lá pegar pocã, serra d'água, ameixa, uma pá de (...) e era dele».

«a gente **podendo** evitar a anestesia... seria o ideal, porque...».

NOTAS

1. Observei também que há uma maioria de SNs inanimados na posição pós-verbal—isto se constata nos exemplos citados neste trabalho e também notei nos infinitivos pospostos dos exemplos que Maurer Jr. (1968) alista em sua obra. Acredito que na VS existe uma escamoteação do agente. O assim considerado «sujeito posposto» se identifica mais com o paciente do que com o agente não só na posição como no fato de ser inanimado e não haver concordância na maioria dos casos (ver Décat 1981 para desenvolvimento

deste ponto). Em trabalho anterior (1973) observei que com o infinitivo dependente de verbos causativos o sujeito de verbos intransitivos vem posposto quando é inanimado ou quando não é agente: «Manda vir a cerveja», «Faz entrar o cliente». Os argumentos que Perlmutter (1976) alista em favor da tese de «sujeito rebaixado» são todos válidos para considerar os SNs objetos.

2. Veja-se o que digo, mais no final deste trabalho, sobre o verbo *existir*. Acredito que a posição não-marcada com este verbo é aquela em que SNs indefinidos aparecem pospostos. Parece-me que o autor colocou **um responsável** antes de **existir porque**, neste caso, não se trata de indefinido. Se ele tivesse escrito: «Se existe um responsável...» o SN seria indefinido, e poderia haver ou não algum responsável. Colocando antes, ele parece estar se referindo a uma pessoa determinada. É a diferença que existe, a meu ver, entre: Ele acredita que Papai Noel existe x Ele acredita que existe Papai Noel. No 1º caso, é um Papai Noel determinado, no segundo não.

3. Mais adiante, esclareço que não vou considerar esses casos como de posposição, mas sim de V inicial.

4. Não posso dizer que as negativas condicionem VS. Os exemplos encontrados, excetuando os iniciados por **não** e seguidos de Pronome Indefinido, vêm com verbos do tipo existencial-presentativos, que discuto mais adiante.

5. Ver Lemle, 1978. Anotei também os seguintes casos de não-concordância: «Eu vi pouco apontado os caminhos da autonomia» «É muito espalhado hoje em dia as idéias de Althusser». «Tá justificado a inclusão de mais alguém». Todos estes exemplos são de linguagem oral formal, pois foram falados em um simpósio de professores universitários.

6. A transcrição que faço da linguagem oral segue a ortografia oficial, a não ser em alguns detalhes que não afetam em nada a compreensão. É óbvio que o (r) do infinitivo em final de palavra não tem realização fonética e que o morfema de gerúndio de modo geral é pronunciado -nu, em vez de -ndo. Para uma descrição do verbo no Português Coloquial, ver Pontes (1972), em que as razões para uma escrita morfofonêmica são apresentadas.

7. O Prof. Marco Antônio de Oliveira, a quem agradeço diversas sugestões, me sugeriu considerar como casos claros apenas aqueles em que fosse possível também a anteposição. Mas é difícil decidir de antemão o que é possível e o que não é. Por exemplo, a anteposição é possível com o verbo *existir* (mas o significado muda, a meu ver). Com o verbo *ter* é considerada impossível, mas encontrei em um diálogo um exemplo em que *existir* e *ter* são comutados:

A — Ardósia, só existe preta, ou existe rosa também?

B — Eu só conheço preta, né? Ardósia!

A — Ardósia só tem preta? Hein, J.?

Trata-se de topicalização, mas nem sempre é possível distinguir sujeito de outro elemento topicalizado, como discuto em outra parte (casos como «o relógio estragou o ponteiro» ver Pontes, 1982).

8. A conclusão deste trabalho, por questão de espaço, teve de ser publicada em outra parte. Deve sair nos Anais do VII Encontro Nacional de Linguística (Pontes, 1982). Lá, eu apresento uma tentativa de explanação da ordem VS em português, ao nível do discurso.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS USADAS PARA COLETA DE DADOS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Discurso de Primavera e Algumas Sombras**. 2a. ed. Rio: José Olympio, 1978 (p. 5-40).

NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. Rio: José Olympio, 1981 (p. 5-57).

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano**. Trad. Martha Calderaro. 9a. ed. Rio: Nova Fronteira, 1980 (um exemplo só).

Revista **ISTO É**, nº 272. São Paulo: Ed. Caminho, 10-03-1982 (até p. 23).

OBRAS CONSULTADAS

BERMAN, Arlene. «On the VSO hypothesis». **Linguistic Inquiry**, 5:1. 1-38. Cambridge, Mass. MIT. 1974. Citado de: Nápoli, D.J. e Rando, E. **Syntactic Argumentation**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1979.

BERMAN, Ruth. «The case of an (S) VO language». **Language** 56 nº 4, p. 759-775. 1980.

BITTENCOURT, Vanda O. **A Posposição do Sujeito em Português**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

COMRIE, Bernard. **Language Universals and Linguistic Typology**. Chicago: Chicago University Press. 1981.

CONTRERAS, Heles. **A Theory of Word Order with Special Reference to Spanish**. Amsterdam: North Holland. 1976.

CUNHA, Celso. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3a. ed. Rio: Fename. 1976.

DIAS, Epiphânio da Silva. **Syntaxe Histórica Portuguesa**. 4a. ed. Lisboa: Livr. Clássica. 1959.

DÉCAT, M. Beatriz N. **Movimento do Sintagma Nominal Interrogado em Português**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 1978.

- _____. «Verbal Agreement differences in spoken and written Brazilian Portuguese and their consequences for the teaching of composition» In: **Ensaio de Lingüística 5**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 1981.
- DUTRA, R. «Considerações sobre o «se»: o pronome camaleão». In: **Ensaio de Lingüística 5**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 1981.
- GIVÓN, T. «On Understanding Grammar». New York: Academic Press, 1979.
- _____. «Topic Continuity in Discourse: The Functional Domain of Switch Reference». July 1981. A sair em: Haiman, ed. **Switch Reference. Typological Studies in Language**. vol. 2. Amsterdam: J. Benjamins. 1982.
- GREENBERG, J. H. «Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements». In: Greenberg, J. H. **Universals of Language**, 2a. ed., Sixth Printing. Cambridge, Ma: The MIT Press. 1978.
- LEMLE, M. «Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa». In: Lobato, L. e outros, **Lingüística e Ensino do Vernáculo**. Rio: Tempo Brasileiro. 1978.
- MATTOSO CÂMARA JR. J. «Um caso de colocação». In: **Dispersos**. Rio: Fundação Getúlio Vargas. 1972.
- _____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2a. ed. Rio: Padrão. 1976.
- MAURER JR., T. H. **O Infinito Flexionado em Português**. S. Paulo Ed. Nacional 1968.
- MC. CAWLEY, J. «English as a VSO language». **Language** 46, 286-299. 1971.
- MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de Estilística Portuguesa**. Rio: Padrão. 1976.
- PERINI, M. A. «Um aspecto da interpretação do tópico em português». **Série Estudos**. Uberaba. 1980.
- PERLMUTTER, D.M. «Evidence of subject downgrading in Portuguese». In: Schmidt-Radefeldt, ed. **Readings in Portuguese Linguistics**. Amsterdam: North Holland. 1976.
- PONTES, E. **Estrutura do Verbo no Português Coloquial**. 2a. ed. Petrópolis: Vozes. 1972.
- _____. **Verbos Auxiliares em Português**. Petrópolis: Vozes. 1973.
- _____. «Da importância do tópico em Português». **Comunicação ao V Encontro Nacional de Lingüística**. Rio: PUC. 1980. Publicado nos ANAIS. 1981.
- _____. «A problem in teaching first language: topicalization in oral Portuguese». **Comun. Congresso Internacional da AILA em Lund, Sweden**. 1981. Publicado em: **Ensaio de Lingüística 5**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1981.

- _____. «Tópicos em Língua Escrita». In: **Ensaio de Lingüística 5**. Belo Horizonte: UFMG. 1981.
- _____. «Ordem VS em Português: Tentativa de Explicação». Com. apresentada ao VII Congresso Brasileiro de Lingüística. Rio: PUC-RJ 1982.
- SAID ALI, M. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 5a. ed. Rio: Acadêmica. 1957.
- _____. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 5a. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1965.
- SILVEIRA BUENO, F. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Curso Superior**. 7a. ed. São Paulo: Saraiva. 1968.
- _____. **A Formação Histórica da Língua Portuguesa**. 2a. ed. Rio: Acadêmica 1958.
- SOUSA DA SILVEIRA. **Lições de Português**. 6a. ed. Rio: Livros de Portugal, 1960.
- THOMAS, Earl W. **The Syntax of Spoken Portuguese**. Nashville, Vanderbilt University Press, 1969.
- VEADO, Rosa Maria Assis. **Comportamento Lingüístico do Dialeto Rural**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1980.